

: : DIRECTOR : :
 HENRIQUE DE RESENDE
 : : REDACTORES : :
 MARTINS MENDES
 : : : : E : : : :
 ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA-MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 1
 ANNO . . . 1
 : : REDACÇÃO : :
 : : : : E : : : :
 ADMINISTRAÇÃO
 RUA CEL. VIEIRA, 53
 CATAGUAZES - MINAS

: : DIRECTOR : :
 HENRIQUE DE RESENDE
 : : REDACTORES : :
 MARTINS MENDES
 : : : : E : : : :
 ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA-MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 2
 ANNO . . . 1
 : : REDACÇÃO : :
 : : : : E : : : :
 ADMINISTRAÇÃO
 RUA CEL. VIEIRA, 53
 CATAGUAZES - MINAS

: : DIRECÇÃO : :
 : : : : DE : : : :
 HENRIQUE DE RESENDE
 MARTINS MENDES
 : : : : E : : : :
 ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA-MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 3
 ANNO . . . 1
 : : REDACÇÃO : :
 : : : : E : : : :
 ADMINISTRAÇÃO
 RUA CEL. VIEIRA, 53
 CATAGUAZES - MINAS

NESTE NUMERO DA "VERDE":

CARLOS D. DE ANDRADE	SIGNAL DE APITO
EDMUNDO LYS	VIAGEM SENTIMENTAL
T. DE MIRANDA SANTOS	BLÓCO
ASCANIO LOPES	SERÃO DO MENINO POBRE
EMILIO MOURA	INQUIETAÇÃO
MARTINS DE OLIVEIRA	FUNÇÃO
ROBERTO THEODORO	SAMBA
GUILHERMINO CESAR	SANTINHA DA ENCARNAÇÃO (conto)
	NOCTURNO (poema)
CAMILLO SOARES	O ESTRANHO CASO DE MATIAS
HENRIQUE DE RESENDE	A CIDADE E ALGUNS POETAS
	PRELUDIOS
FRANCISCO I. PEIXOTO	TERNURA
MARTINS MENDES	PARADOXO
OSWALDO ABRITTA	UM POEMA
FONTE BOA	UM POEMA
ROSARIO FUSCO	

NESTE NUMERO DA "VERDE":

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO	O AVENTUREIRO ULISSES
MARIO DE ANDRADE	RONDÓ DO BRIGADEIRO
A. C. COUTO DE BARROS	A PROPOSITO DO BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA
SERGIO MILLIET	ELEGIA
ASCANIO LOPES	A HORA PRESENTE
HENRIQUE DE RESENDE	O CANTO DA TERRA VERDE
RIBEIRO COUTO	DELICIA DA CONFUSÃO
OSWALDO ABRITTA	JARDIM
ABGAR RENAULT	FELICIDADE
ROSARIO FUSCO	POEMAS CODAQUE
CAMILLO SOARES	PEDROMALAZARTE
ROBERTO THEODORO	POEMAS DE BELLO-HORIZONTE
MARTINS DE OLIVEIRA	MELANCOLIA
EMILIO MOURA	SERENIDADE NO BAIRRO POBRE

MARIO DE ANDRADE	CASO DA CASCATA
OSWALDO DE ANDRADE	OS ESPLENDORES DO ORIENTE
PRUDENTE DE MORAES, NETO	AVENTURA
JOÃO ALPHONSUS	OXYCYANURETO DE MERCURIO
ILDEFONSO PEREDA VALDÉS	A GERMANA BITTENCOURT
BLAISE CENDRARS	AUX JEUNES GENS DE CATACAZES
MARTINS DE OLIVEIRA	MODERNISMO
SERGIO MILLIET	RELIGIÃO
GODOFRÉDO RANGEL	A SYNCOPE
WELLINGTON BRANDÃO	CANTOS MUNICIPAES
ABGAR RENAULT	MATINAL
ASCENSO FERREIRA	CAMELOTS
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	QUADRILHA
ASCANIO LOPES	DESCOBRIMENTO DO BRASIL
ROSARIO FUSCO	FESTA DA BANDEIRA
EMILIO MOURA	CHROMO
HENRIQUE DE RESENDE	CANTO DA TERRA VERDE (2)
PEDRO NAVA	VENTANIA
ILDEFONSO FALCÃO	SINGERMAM, STOLEK E ETC.

Revista do Arquivo Público Mineiro

Ensaio

Rivânia Maria Trotta Sant'Ana

O voo dos Ases de Cataguases

Revista do Arquivo Público Mineiro

101

A surpreendente produção literária de um grupo de jovens surgido na década de 1920, em Cataguases (MG), em torno da revista *Verde* encontra raízes não apenas no movimento modernista que eclodira em São Paulo, mas também nas condições materiais e culturais daquela cidade mineira.

DIRECÇÃO
 de
 HENRIQUE DE RESENDE
 MARTINS MENDES
 e
 ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA-MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 4
 ANNO . . . 1
 REDACÇÃO
 e
 ADMINISTRAÇÃO
 RUA CEL. VIEIRA, 53
 CATAGUAZES - MINAS

DIRECÇÃO
 de
 HENRIQUE DE RESENDE
 MARTINS MENDES
 e
 ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA-MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 5
 ANNO . . . 1
 REDACÇÃO
 e
 ADMINISTRAÇÃO
 RUA CEL. VIEIRA, 53
 CATAGUAZES - MINAS

SUMMARIO

MARCOS FINGERIT	JOSEFINA BAKER
MARIO SWALD	HOMENAGEM AOS HOMENS QUE AGEM

SUMARIO

NICOLÁS FUSCO SANSONE	EL NOCTURNO DE LOS CUERPOS
ASCENSO FERREIRA	MULA-DE-PADRE
RIBEIRO COUTO	A DESCOBERTA DE CATAGUAZES

verde

HENRIQUE DE RESENDE
 MARTINS MENDES
 GUILHERMINO CESAR
 F.º INACIO PEIXOTO
 ROSARIO FUSCO

1

ASCANIO

> Introdução

Neste ano de 2013, faz 86 anos do surgimento do movimento modernista Verde, ocorrido nos anos 1920, mais precisamente, entre setembro de 1927 e maio de 1929 – com alguns intervalos – em Cataguases, cidade da Zona da Mata mineira, então com 16 mil habitantes. Foi um movimento literário de vanguarda, da primeira fase do Modernismo brasileiro, que se realizou num cenário entre o urbano e o rural, conforme Moran,¹ onde se vivia a ambiguidade de conviver com os valores de uma sociedade tradicional e conservadora de cidade pequena do interior de Minas Gerais, mas ter como modelo a metrópole e seu discurso de modernidade.

Protagonizado por um grupo de nove jovens, entre 17 e 28 anos, denominados por Mário e Oswald de Andrade de “Ases de Cataguases”,² o movimento produziu a revista *Verde* – Revista de Arte e Cultura, cujo nome acabou por se aplicar ao próprio movimento, e uma editora, também intitulada Verde. O nome Verde, que levou o movimento de Cataguases a ser, algumas vezes, identificado, equivocadamente, com o movimento Verde-Amarelo,³ foi escolhido para fazer alusão à juventude do grupo, que foi influenciado pelo livro de Augusto Meyer, *Coração Verde*, de 1926.⁴

À época do lançamento de *Verde*, 1927, vários de seus idealizadores estavam fora de Cataguases, mas quando voltavam à cidade se reuniam com frequência aos demais no Bar do Fonseca para empreender o projeto. Eram: Ascânio Lopes, 21 anos, estudante de Direito em Belo Horizonte; Rosário Fusco, 17 anos, ainda estudante ginásial; Henrique de Resende, 28 anos, o mais velho do grupo, já formado em Engenharia Civil e trabalhando na Cia. Estrada de Ferro Leopoldina, autor de um livro de poesias de tendência parnasiana (*Turris Eburnea*) publicado em 1923 pela editora de Monteiro Lobato; Francisco Inácio Peixoto, 18 anos, estudante de Direito em Belo Horizonte; Guilhermino César,

19 anos, em 1927 ainda estudante de Medicina em Belo Horizonte (em 1928, transferiu-se para o curso de Direito); Camilo Soares, 18 anos, estudante de Direito no Rio de Janeiro; Christophoro Fonte-Boa, 21 anos, de quem não temos muitas informações; Martins Mendes, 24 anos, também estudava fora quando do lançamento da revista; e Oswaldo Abritta, 19 anos, na época, morando em Cataguases.

Quanto à revista, teve seis números, que saíram respectivamente nos meses de: setembro, outubro, novembro e dezembro de 1927; maio de 1928 (com data de janeiro e incluindo um suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio); e maio de 1929, quando foi publicado um número, primeiro e único de uma pretendida segunda fase, todo dedicado a Ascânio Lopes, que havia morrido de tuberculose no dia 10 de janeiro de 1929.⁵ No terceiro número da primeira fase de *Verde*, em novembro de 1927, foi publicado um manifesto, anexo à revista, em tom bastante combativo e iconoclasta.

A Verde Editora publicou quatro livros, todos de integrantes do movimento. São publicações muito simples, editadas quando a *Verde* já estava circulando. Em 1928, a editora publicou *Poemas Cronológicos*, de Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes, e *Meia-Pataca*, de Guilhermino Cesar e Francisco I. Peixoto. Em 1929, saíram *Fruta-de-conde: poesia*, de Rosário Fusco, e *13 poemas*, de Martins Mendes⁶.

A revista e o manifesto geraram polêmica e atraíram olhares para o grupo e sua desconhecida cidade. Stegagno-Picchio registra que o grupo foi capaz de “levar à ribalta nacional a sua ignorada vilazinha”.⁷ De fato, além de ter conseguido a colaboração de algumas pessoas influentes da Cataguases da época, o movimento teve repercussão nacional, chamando a atenção de modernistas de Minas, de outros Estados e de outros países, que se tornaram colaboradores

da revista, tais como Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Abgard Renault, Emílio Moura, Pedro Nava, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Sérgio Milliet, Blaise Cendrars, entre outros. A *Verde* foi capaz de articular autores de variadas tendências modernistas. A repercussão alcançada resultou no fato de que a maior parte dos livros de história da literatura brasileira menciona o acontecimento, embora muitas vezes de forma ligeira.

As notícias que se dão do movimento normalmente ressaltam seu caráter alegre, divertido, polêmico, em decorrência da audácia de seus membros, e também inusitado, tendo em vista o lugar em que ocorreu e a projeção que alcançou. O aspecto arrojado das experiências de linguagem realizadas especialmente por Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Guilhermino Cesar, Francisco Inácio Peixoto e Henrique de Resende – o núcleo do movimento – também costuma ser considerado. Wilson Martins⁸ chega a dizer que o movimento Verde é o símbolo da conquista territorial do Modernismo e que é exemplo de verdadeira manifestação de vanguarda, em oposição às falsas vanguardas da época, caracterizadas por contradições internas difíceis de resolver, como as que caracterizavam, conforme a avaliação do autor, o grupo Festa, do Rio de Janeiro. As críticas ao grupo Verde giravam em torno da arrogância e da falta de originalidade de seu manifesto, essa última característica decorrente do aparecimento tardio do movimento. Joaquim Inojosa⁹ diz: “é nesse instante, com *Macunaíma* e *Pau-Brasil* dançando canções na rua [...] que a moçada de Cataguases funda a revista *Verde* num ímpeto nacionalista de jovens do antes-tarde-do-que-nunca”.

Apesar dessas críticas, o movimento suscitou, e ainda suscita, interesse e curiosidade. Uma das perguntas que se fazem reiteradamente diz respeito às razões do aparecimento de um movimento modernista de vanguarda numa cidadezinha de apenas 16 mil

habitantes. É essa pergunta que se faz Tristão de Athayde, surpreso, ao falar do surgimento do movimento Verde em artigo publicado no *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 1928, conforme nos lembra Ruffato:¹⁰ “por que enredos da Providência Divina foi nascer à beira de um riacho chamado Meia-Pataca [...] um grupo de poetas interessantes que não de deixar uma certa marca no momento poético que estamos vivendo?”. A outra questão refere-se às razões de o movimento ter conseguido tantas adesões entre os escritores modernistas, especialmente daqueles que vieram a se tornar reconhecidos.

Segundo entendemos, algumas respostas para essas perguntas são: havia condições propícias ao aparecimento do movimento Verde na Cataguases dos anos 1920; a repercussão do movimento e a adesão dos escritores modernistas das capitais, entre eles os mais vanguardistas, justificam-se pela ousadia de alguns dos membros do movimento Verde – daqui em diante, os chamaremos de os Verdes –, pelo empenho do grupo em se fazer conhecer e em conhecer outros grupos, pela disposição dos autores modernistas das capitais em conhecer o interior do país e suas manifestações culturais e pelas experiências estéticas de qualidade que alguns dos Verdes realizaram, conforme passamos a demonstrar.

O solo de onde brota o Verde

João Antonio de Paula,¹¹ em estudo sobre as raízes da modernidade em Minas Gerais, afirma que Minas mantém uma tradição de se fazer moderna desde o período colonial, revelando a sua modernidade “no apagamento parcial das diferenças estamentais [...] ao permitir mobilidade social [...] ao criar condições para o surgimento de relações de assalariamento”, além de se revelar moderna em vários outros aspectos da sua cultura, economia e política.



Essa tradição se revela também na primeira fase do Modernismo Brasileiro, na qual surgiram movimentos que produziram revistas e jornais literários por todo o Brasil. Encontramos notícias esparsas de oito periódicos, entre revistas e jornais modernistas, fora do eixo Rio-São Paulo. Desses, cinco eram mineiros: *A Revista*, de Belo Horizonte, 1925; *Elétrica*, de Itanhandu, Sul de Minas, 1927; *Verde*, de 1927 a 1928 e um número em 1929; *Leite Criolo*,¹² de Belo Horizonte, de 1929; *Montanha*, de Ubá, apenas um número em 1928. Minas Gerais, portanto, acolheu bem as ideias modernistas. Dos cinco periódicos mineiros, os mais relevantes, pela elaboração estética e temática apresentada, foram *A Revista* e *Verde*.

No contexto mineiro, Cataguases também almejava ser moderna e apresentava condições econômicas e culturais bastante propícias ao surgimento de um movimento modernista e de uma revista literária. Essas condições começaram a ser preparadas desde o final do século XIX, a partir da instalação do município de Cataguases, antes distrito de Santa Rita de Meia Pataca,¹³ em 7 de setembro de 1877.¹⁴ Na mesma data, foi inaugurado o telégrafo no município e o trecho da Companhia Estrada de Ferro Leopoldina que ligava o Rio de Janeiro a Cataguases, ponto final da ferrovia,¹⁵ o que ajudou a implementar o comércio e possibilitou o recebimento de jornais e revistas da metrópole.

Na própria cidade e região circunvizinha, havia muitos jornais, alguns de vida efêmera, outros mais duradouros, que reproduziam notícias retiradas de jornais do Rio e de São Paulo, prática ainda comum em jornais de interior, e que veiculavam discursos de modernidade. José Pedro Xavier da Veiga, nas *Efemérides Mineiras*,¹⁶ apresenta uma relação de jornais publicados em Cataguases no final do século XIX. Segundo Veiga, entre 1884 e 1897, lá foram criados e circularam 13 jornais.

Pela ferrovia chegaram também muitos imigrantes, nacionais e estrangeiros, com ideias e culturas diferentes. Há notícias de que após a Revolta da Armada, iniciada na noite de 6 de setembro de 1893, muitas pessoas, fugindo do governo de Floriano Peixoto, foram para Cataguases, contribuindo para a circulação de novas ideias. A cidade recebeu também imigrantes estrangeiros em busca de trabalho e melhores condições de vida, atraídos pela fama de prosperidade que a cidade tinha na época; chegou a manter uma casa onde pudessem ficar até que se empregassem. Segundo Silva e Rezende,¹⁷ nos anos 1890, Cataguases “era o grande empório regional do café e uma rica e movimentada praça comercial”. Com boas construções, calçamento das ruas principais e um teatro que recebeu algumas das companhias que se apresentaram no Rio de Janeiro naquela época. Em 1905, foi implantada a Cia. Força e Luz Cataguases-Leopoldina e, com ela, a Cia. Fiação e Tecelagem Cataguases, dando início à industrialização da cidade. A água encanada já havia chegado a algumas casas em 1892.

No início do século XX, antes do surgimento da *Verde*, outros nove jornais circularam na cidade. Todos os integrantes do grupo Verde já haviam participado da feitura de alguns desses pequenos jornais da cidade, ou haviam colaborado com eles, e tinham uma relação intensa com a literatura. Um mês antes do lançamento da revista *Verde*, o *Jornal Cataguases* lançou a *Coluna dos Novos*, na qual os escritores cataguasenses que iriam compor o movimento publicavam seus poemas, discutiam a nova literatura e apresentavam novos escritores. Na apresentação da coluna feita pela editoria do jornal, na edição nº 659, de 7 de agosto de 1927, temos: “A redação do *Cataguases* tem o prazer de dar aos seus leitores a presente coluna, que será ocupada por distintos e novos intelectuais. São modernos. Está feita a apresentação”. O enunciado “são modernos” valia por uma definição e também preparava o leitor para as experiências literárias que poderia encontrar naquela coluna.

Ao compararmos o *Jornal Cataguases* e o jornal da cidade vizinha Leopoldina, publicados na década de 1920, percebemos que havia diferenças na valorização dos bens culturais pelas duas cidades. O jornal de Leopoldina reproduzia diversas notícias de outros Estados, principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, e também notícias internacionais e priorizava temas relacionados a política, economia e questões religiosas. O *Jornal Cataguases*, por sua vez, embora também publicasse notícias do Brasil e do mundo, priorizava notícias locais. Quanto à temática, este último tratava também de política, economia e saúde, mas publicava muitas notícias relativas à educação e às políticas educacionais, à modernização da cidade, e dava ênfase às notícias sociais e culturais, tais como as matérias sobre festas beneficentes, apresentações musicais, teatrais e de cinema, exposições de artes plásticas, registro de pessoas ilustres em visita à cidade etc. As atividades do grêmio literário do ginásio eram noticiadas nas páginas do *Jornal Cataguases*. A criação da revista *Verde* foi nele noticiada e poemas do grupo foram nele publicados.

A elite e as autoridades de então empenhavam-se, desde o início do século XX, na construção de uma imagem de cidade moderna, trabalhando para reproduzir em Cataguases algumas das mudanças que se processavam na metrópole, como o planejamento da cidade, a pavimentação das ruas, a iluminação pública. Foi essa mesma preocupação que levou essa elite a acolher um movimento literário modernista, mesmo que não entendesse muito bem suas propostas estéticas. O discurso de modernidade estava estampado nos jornais da cidade, na época. E, embora os Verdes tenham dito em entrevistas posteriores que o movimento não fora bem acolhido em Cataguases, percebemos, pela própria inserção desses escritores no órgão de imprensa oficial da cidade, ter havido algum apoio à iniciativa daqueles jovens, pelo menos inicialmente. O que não significa que eles tenham sido compreendidos naquele

momento. Apesar desse apoio inicial, foi difícil mantê-lo e, se desde o início da publicação de *Verde* o grupo contava com poucos recursos financeiros, resultantes principalmente de assinaturas, esses recursos foram escasseando já no início de 1928.

Os números do progresso

Em 1927, ano de publicação dos quatro primeiros números da *Verde*, comemoravam-se os 50 anos de instalação do município, e uma matéria do *Jornal Cataguases*, de 7 de setembro, apresentava alguns dados interessantes sobre a cidade. Embora saibamos que pode haver algum exagero nesses números, eles revelam, de todo modo, que havia ali condições econômicas muito propícias à circulação de bens materiais e culturais e, conseqüentemente, de ideias renovadoras. A matéria informava sobre aspectos físicos e econômicos da cidade. Selecionamos uma amostra do que o jornal elencava na referida matéria, segundo a qual Cataguases tinha, então,¹⁶ mil habitantes, 30 ruas, 1.300 casas, dez fábricas de artigos diversos, entre tecidos, produtos alimentícios e móveis, três refinações de açúcar, quatro agências bancárias, cinco agências de automóveis, três engenhos de beneficiamento de café, quatro hotéis, oito pensões, um teatro com capacidade para duas mil pessoas, uma companhia de cinema, três tipografias, um ateliê fotográfico, um hospital, um ginásio, um grupo escolar, uma escola normal e várias escolas particulares. Contava também com padarias, açougues, farmácias, alfaiatarias, barbearias, serrarias, diversas carpintarias e dispunha dos serviços de nove médicos e dez dentistas, além de outros serviços.

Outras notícias nos informam sobre o comércio local e a venda de livros. Embora não houvesse livrarias na cidade, vendas de livros eram realizadas em casas comerciais de produtos diversos. Pelas listagens,

é possível perceber que as maiores vendas eram realizadas para atender às demandas das escolas, mas livros avulsos também eram vendidos para um público não escolar. Havia, portanto, um público leitor em formação. A julgar por esses dados, podemos dizer que cidade prosperava material e culturalmente.

Nesse contexto, Humberto Mauro fazia suas experiências em cinema, e a cidade contava com três salas para exibição diária de filmes. Embora os integrantes do grupo verde não tivessem muito contato com Humberto Mauro e suas experiências cinematográficas, o cinema foi relevante para eles, fazia parte de suas vidas, conforme depoimento de Guilhermino César,¹⁸ quando do lançamento da edição fac-similar da revista *Verde*, em 1978: “O cinema diário, na praça, trazia-nos uma visão perturbadora do mundo [...] a gente começava a receber diariamente [...] outros estímulos intelectuais [...] o mundo vinha até nós”. Havia também as experiências musicais, com os recitais de piano, a novidade do *jazz*, as rodas de samba, conforme lembra Guilhermino César no referido depoimento.

Durante a experiência do movimento, os Verdes tiveram acesso a livros modernistas, muitas vezes no ano de sua publicação, sobre os quais faziam comentários nas páginas da revista. Nela, também divulgavam autores novos e dedicavam poemas uns aos outros, numa prática de divulgação da nova estética, apresentação de novos escritores e preparação de um público leitor. Mantinham intensa correspondência com autores brasileiros de diferentes Estados e com escritores e artistas plásticos de outros países da América Latina. Vivenciavam, enfim, a literatura como missão e acreditavam em seu poder transformador. Do grupo, os cinco primeiros, citados anteriormente, constituíam o núcleo. Esses cinco se dedicaram a um projeto literário e continuaram escrevendo e publicando nos anos posteriores à experiência de *Verde*.

Havia, portanto, apesar do modesto porte da cidade, uma infraestrutura que criava condições materiais e culturais propícias ao surgimento do movimento modernista Verde e de sua revista de arte e cultura. Constatamos que essa infraestrutura se consolidou graças às condições criadas pela chegada, na virada do século XIX para o século XX, de três elementos básicos para o desenvolvimento da cidade: a ferrovia, a água encanada e a energia elétrica. Esses elementos de modernização provocaram mudanças na economia local, permitindo a sua industrialização e o desenvolvimento do comércio. Estabeleceu-se uma comunicação mais rápida com o Rio de Janeiro, o que proporcionou o acesso a bens culturais que de lá chegavam, assim como aos discursos de modernidade que por lá circulavam. Verificaram-se também melhorias nas condições de vida. Fizeram-se experiências pioneiras com o cinema e surgiram novas formas de ver o mundo. Além de tudo isso, a cidade dispunha de um bom ginásio e havia um grupo de bons professores, que estimulavam a leitura dos clássicos e de novos autores e o exercício da escrita. Foram essas as condições em que o movimento foi gestado e pôde ter prosseguimento.

Renovação linguística e temática

Ao termos acesso à produção literária, crítica e teórica dos modernistas de Cataguases, tanto aquela publicada na revista *Verde* quanto a que eles publicaram nos livros da Verde Editora e em outros jornais e revistas da época, verificamos que, ao lado daqueles textos que são meros exercícios de escrita, sem valor estético, encontramos outros bem elaborados, que apresentam, de fato, renovação linguística e temática e que revelam terem aqueles jovens levado a literatura a sério.

A produção do grupo era heterogênea. Embora em sua totalidade o grupo estivesse engajado no exercício

de um fazer literário de fato renovador, nem todos os Verdes conseguiram realizar uma produção inovadora e com qualidade estética. Apenas alguns deles, os cinco mais arrojados, instituidores do núcleo do movimento, realizaram experiências mais radicais com a linguagem, produzindo textos de elaboração mais sofisticada, e que receberam críticas positivas na época. Para realçar os aspectos inovadores da poesia produzida pelo movimento, fazemos um recorte que leva em conta a produção dos cinco autores considerados o núcleo do movimento. Ou seja, aqueles com os quais tudo começou e que foram capazes de realizar um projeto literário mais consistente e, em alguns casos, mais duradouro. São eles: Ascânio Lopes, Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino César e Henrique de Resende.

Nesse sentido, fazemos algumas considerações acerca das questões programáticas do manifesto do grupo Verde, publicado em novembro de 1927, em folha anexa ao nº 3 da revista, para, a seguir, nos dedicarmos à apresentação sucinta das principais características estéticas encontradas nas produções poéticas dos cinco autores mencionados.

O manifesto do Grupo Verde não é muito esclarecedor acerca das ideias de seus jovens idealizadores sobre o fazer modernista. Gira em torno de um tema, a independência, e é marcado por um tom desafiador e iconoclasta, que retoma o tom dos pioneiros de 1922. Nele, os Verdes explicitam que eram independentes, enquanto grupo, de outros grupos nacionais e estrangeiros. De forma arrogante, dizem, em resumo, no manifesto: “5º) Não temos ligação de espécie nenhuma com o estilo e o modo literário de outras rodas. 6º) Não damos a mínima importância à crítica dos que não nos compreendem”.¹⁹ Prosseguem afirmando rejeitar qualquer influência estrangeira. Declaram também ser independentes entre si, revelando, além do desejo de liberdade, certa consciência da

heterogeneidade do grupo. Justificam a formação do grupo pelo fato de todos se considerarem diferentes em relação ao restante da população de Cataguases e por comungarem uma mesma visão do país, bem como “da hora que passou, passa e está por passar”.

Assim como os manifestos de *A Revista*, de Belo Horizonte, e de *Terras Roxas e Outras Terras*, de São Paulo, o manifesto do grupo publicado em sua revista nega a existência de um público para a arte moderna. Os Verdes chegam a se vangloriar disso, dizendo preferir a indiferença. Com o manifesto, portanto, tinham a paradoxal intenção de esclarecer um público “inexistente” e indesejável sobre seu programa modernista e, principalmente, sobre a independência do grupo em relação a outros grupos e a propalada independência entre os próprios integrantes do movimento.

No que diz respeito ao fazer literário do grupo, o manifesto explicita apenas a opção temática dos Verdes por “cantar a terra brasileira”, a escolha formal pelo verso livre e que o grupo é “objetivista”, embora não haja esclarecimento a respeito do que o grupo entendia por “objetivismo”. Anos depois, na entrevista de Guilhermino César já mencionada, o autor associa esse objetivismo à necessidade que eles, por influência de Marinetti, viam de se distanciar do que consideravam um subjetivismo rasteiro, para olharem para fora, para o mundo, para o dinamismo da máquina.

A comparação da proposta programática com os textos publicados na revista revela as contradições vividas pelo grupo naquele momento. No manifesto rejeitam qualquer influência estrangeira e criticam aqueles brasileiros que “vivem por aí a pastichar o ‘modus’ bárbaro do Sr. Cendrars”, numa alusão a Mário e a Oswald, que acompanharam Cendrars quando este esteve no Brasil, na década de 1920, a convite de Paulo Prado. Curiosamente, no mesmo número

da revista em que faziam essa afirmação, havia a publicação de um poema de Cendrars, em francês, dedicado aos Verdes *Aux jeunes gens de Catagazes*: “Tango vient de tanguer/ Et jazz vient de jaser/ Qui importe l’etymologie/ Si ce petit klaxon m’amuse?”.²⁰ Na apresentação do poema, os Verdes informam que ele foi escrito especialmente para a revista e que inaugurava uma série de colaborações inéditas “dos maiores artistas estrangeiros da atualidade – que iremos publicar, e que constituirá, decerto, uma das partes mais interessantes de VERDE”.²¹

No número seguinte,²² Henrique de Resende faz um relato sobre como se deu o recebimento do poema de Cendrars. Segundo Resende, quando a correspondência com o poema chegou, eles duvidaram de que fosse verdade, pensaram ser uma brincadeira do Alcântara [Machado], do Mário [de Andrade] e do [Sérgio] Milliet. Antes de publicar o poema, pesquisaram os jornais do Rio, para verificar se havia alguma notícia da presença de Cendrars no Brasil, o que foi confirmado. Então, aliviados e felizes com a homenagem, publicaram o poema. Rosário Fusco, o mais combativo dos Verdes, chegou a publicar um poema intitulado *Poemas Codaque*, título semelhante a *Kodak*, livro do autor suíço. Havia, portanto, uma contradição entre o que os Verdes propunham no manifesto no que diz respeito a sua independência do estrangeiro, e até a sua rejeição da arte estrangeira, e a satisfação que demonstravam pela homenagem de Cendrars.

É possível verificar também que, especialmente nos dois primeiros números da revista, essa contradição se manifesta na comparação entre o que os Verdes propunham como escrita modernista, “objetivista” e focada numa temática nacional e o que eles de fato realizavam no seu fazer literário. O manifesto projeta um desejo, e a revista manifesta a realização literária possível naquele momento. Essa contradição não se manifestava, porém, entre os cinco autores que

enfocamos, nos quais houve de fato a experimentação de uma linguagem nova. Foi nesse aspecto que, na experiência modernista daquela fase, os cinco escritores nucleares do movimento Verde mais ousaram.

Em busca de uma estética modernista²³

Na revista *Verde*, o ponto forte é a poesia, embora tenha veiculado também alguma crítica e alguma narrativa. E os poemas nela publicados são de tendência diversa. Apesar de os Verdes apresentarem, no manifesto, a proposta de desenvolver o objetivismo, isto é, de se voltarem para o mundo externo e sua dinâmica, para a realidade e os cenários nacionais, para a língua brasileira, em sua produção publicada nos primeiros números da revista, há poemas carregados de sentimentalismo. Tais poemas, em oposição ao programa do movimento, abordam temas relacionados à infância, à família e ao primeiro amor. No segundo número, já percebemos maior elaboração dos poemas no sentido de contemplarem a proposta programática do grupo. Até a edição final da revista, é possível acompanhar o desenvolvimento desse processo e o crescente apuramento estético dos poemas. Nas páginas da revista *Verde*, é possível perceber, portanto, a busca pela realização de um projeto literário.

Nessa busca, os Verdes ensaiaram exercícios de apuração estética, muitas vezes imitando o estilo de Mário de Andrade, a maior referência para os “Ases de Catagazes”. Eles tinham consciência de que estavam imitando, de que faziam exercícios de escrita. Os Verdes se correspondiam com muitos escritores, mas contavam especialmente com Mário de Andrade como crítico de suas produções. Mário apontava os erros e acertos e fazia sugestões. Foi ele quem os alertou para o excessivo sentimentalismo presente em alguns poemas da primeira revista. No último número da *Verde*, de maio de 1929, à página 23, foi

publicada uma nota de Mário de Andrade, que saíra anteriormente no *Diário Nacional*, de São Paulo. Nela, Mário informa ter Henrique de Resende, n’*O Jornal*, perguntado veladamente a Mário se ele concordava que havia influenciado os poetas da *Verde*. Mário, então, responde que havia influência dele nos textos dos Verdes, mas que os “moços de Catagazes” o haviam influenciado muito também, mais do que eles imaginavam. Dizia, referindo-se a si mesmo em terceira pessoa, que o poeta de São Paulo esteve estudando muito os poetas da *Verde* “catou neles os boleios sintéticos e as vozes populares que essa rapaziada foi a primeira a registrar, e quando a ocasião chegou, andou utilizando tudo nos escritos dele”.

Apesar de no manifesto rejeitarem qualquer tipo de influência, os Verdes tinham consciência de que aquele era um momento de experimentação, de busca da criação de uma identidade nova para a literatura brasileira. Tinham também consciência de que era preciso experimentar para encontrar um caminho. No número 2 da revista, de outubro de 1927, é publicado um texto de Henrique de Resende, intitulado *Literatura de Brinquedo*, no qual o autor menciona a recepção positiva que a revista teve pelos grandes jornais do país e afirma que é preciso criar uma literatura de brinquedo, começar tudo de novo. Dizia também que, ao público, caberia esquecer tudo o que aprendeu com os clássicos. A expressão “literatura de brinquedo” não significa que o autor considerava a literatura algo pouco sério. Pelo contrário, os Verdes levavam a sério o projeto modernista e se dedicaram a ele com “absoluta fé”, conforme palavras de Guilhermino César. Consideramos que essa expressão remete à experimentação, ao jogo, na busca de uma renovação estética. Remete também à leveza e alegria dessa experimentação. A rejeição à influências era, na verdade, específica e se referia à tradição literária, da qual queriam se libertar naqueles verdes anos.



Programa da Festa Verde, organizada em Cataguazes, MG, por Henrique de Resende e pelo artista plástico Delpino Júnior, no Clube Comercial, em 5 dezembro de 1928. Arquivo Dr. Alberto André Delpino de Mendonça, Belo Horizonte, MG. In: Catálogo da exposição *A arte modernista de Del Pino*. Curadoria Ivone Luzia Vieira e Luís Augusto de Lima. BDMG Cultural, 1998.

No primeiro número da revista, Peixoto tematiza a infância, a angústia e o desamparo resultantes da perda da mãe no poema *Ternura*.²⁴ Ascânio Lopes também tematiza a infância no poema *Serão do menino pobre*,²⁵ que apresenta semelhanças com o poema *Infância*, de Drummond, embora tenha sido publicado antes deste. Um excerto do poema: “Na sala pobre da casa da roça/ Papai lia os jornais atrasados./ Mamãe cerzia minhas meias rasgadas/ [...] Eu ficava a ler um livro de histórias impossíveis./ [...]”. Como percebemos, o tom é intimista e melancólico ao tratar da infância perdida com a morte da mãe. Apesar desse tom, não podemos

dizer que esse poema de Ascânio, seja exatamente sentimentalista, ele ressalta também as contingências de uma vida de pobreza, demonstrando que, desde o primeiro número da revista, existiu uma preocupação social. Henrique de Resende lembra a infância, mas para abordar questões sociais e históricas no poema intitulado *Senzala*,²⁶ no qual lamenta as atrocidades cometidas pelos avós ex-donos de escravos: “Senzala da fazenda de meus avós.../ Vão-se desmoronando pouco a pouco/ as tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares/ Mas ainda és, no teu desmoronamento/ a lembrança angustiada das atrocidades dos meus avós [...]”. Fusco, quando tematizou a infância, enfocou a descoberta da sexualidade.

O negro aparece em outros poemas como escravo, ou trabalhador comum, em condições sociais precárias. Em *Tio Santana*, de Rosário Fusco, um ancião negro lida, sobressaltado, com as lembranças do feitor da antiga fazenda. Em *Canto da Terra Verde*, de Henrique de Resende, o negro não aparece mais como escravo ou ex-escravo, mas como um trabalhador que constrói estradas “Leva de negros./ fuzila o sol tinindo nas cacundas nuas”,²⁷ um personagem que participa da construção da modernização do país, embora ainda numa condição subalterna, como um pária não acolhido na pátria que ajuda a construir, pois, metaforicamente, essa pátria tem o seio bruto: “no seio bruto/ da pedra bruta”; o corpo adusto e a terra inóspita: “como um cordame de veias,/ no corpo adusto/ da terra inóspita”.

Aparece também como o boêmio malicioso no poema de Guilhermino César *Crônica quase policial da Barroca*,²⁸ no qual é descrita uma cena em que o personagem Joaquim da Raimunda, mulato escovado, faz serenata debaixo da janela de Maria de Jesus, ela abre a janela e ele faz um pedido “singular”. O negro foi apresentado na poesia dos Verdes como um elemento formador da nacionalidade e, já no início do século XX, como um dos trabalhadores que construíam o Brasil moderno.

As condições sociais precárias aparecem também tematizadas nos poemas *Maria Lavadeira*²⁹ e *Pedreira*,³⁰ de Francisco Inácio Peixoto. Em *Lavadeira*, temos a situação opressiva da lavadeira não apenas por sua condição social, mas também por sua condição de mulher que dá suporte a toda a família. Nesse poema, a religiosidade popular é apresentada como algo que reforça a passividade, que perpetua irremediavelmente a situação de abandono e miséria. Em *Pedreira*, há a tematização do trabalho massacrante e perpetuador da condição social desumana: “Os homens de pele tostada/ [...] caminham pra suas casas/ vagarosamente/ decepcionados/ [...]”.

A história do Brasil e os costumes interioranos dos anos 1920 foram tematizados pelos Verdes em poemas como *Descoberta do Brasil*,³¹ de Ascânio Lopes, que é construído à maneira de um evento cívico em cidade do interior, com fogos de artifício, alvorada da banda, missa, desfile de escolas e discurso, no qual “o Sr. Pacífico Montes discorrerá eruditamente sobre o acaso da descoberta”. Há ironia no poema, expressa no verso citado pela combinação de termos como o nome da personagem “Pacífico”, o adjunto adverbial “eruditamente” e “o acaso da descoberta”. Nesse poema temos uma crítica à sociedade interiorana e seus costumes, suas autoridades falsamente eruditas. É também esse o caso de *Festa da Bandeira*,³² de Rosário Fusco, que ironiza esse evento cívico, em que os meninos cantam, uma autoridade chamada Dr. Arlindo França inaugura um retrato de Camões e, equivocadamente, diz que ele é o autor de “Uruguay – o mais belo poema da língua portuguesa”; enquanto isso, seu “Nicólas da farmácia” afirma que o Dr. Arlindo é um homem “‘preparado’ – a mais viva esperança do Brasil...”.

Nesse poema, há alusão à dependência estrangeira e às estéticas do passado no nome da personagem – Dr. Arlindo França – e no culto ao poeta clássico português, representado no poema pela inauguração

de seu retrato. Temos, ainda, uma crítica à ignorância que vigorava no interior, inclusive entre as autoridades. A crítica se explicita pelo uso das aspas na palavra “preparado” e pelas reticências depois do último verso – “a mais viva esperança do Brasil...”. A história do Brasil aparece também revisitada no poema *Uiara*,³³ de Francisco Inácio Peixoto, em que o autor mistura personagens históricas, o bandeirante Fernão Dias Paes Leme e o Rei D. Afonso VI, a uma personagem mítica, a Uiara: “Si você visse os olhos dela/ tão bonitos brilhando/você tinha coragem/Fernão Dias Paes Leme/ de mandá-los examinar/Pelo ourives d’El Rei D. Afonso/Tinha Fernão Dias? Tinha não...”. Quando se volta para as raízes míticas do país, o autor não enxerga apenas o Brasil mítico, mas também a história que se fez com exploração.

A Cataguases da época, sua paisagem, sua dinâmica social, seu processo de modernização também são retratados em alguns dos poemas, mas não de forma explícita. Nos poemas que tematizam questões sociais, a natureza brasileira, o processo de modernização do país, são cenas da cidade que se retratam. Como no poema *Canto da Terra Verde*, já mencionado. Nele, Henrique de Resende, apresenta uma cena de construção de uma estrada, provavelmente, uma cena que o autor presenciou como engenheiro responsável pela construção da estrada Cataguases-Leopoldina. Também de Henrique de Rezende, temos *Cantos da Terra Verde (2)*,³⁴ que descreve o trajeto de um rio que corre normalmente, lento, pesado, até ser represado para produzir energia elétrica e alimentar as indústrias. A cena de Cataguases que ele descreve é também uma cena brasileira da época. Nesse poema, não são as condições de trabalho desumanas que são tematizadas, mas a modernização, que transforma a natureza em energia para o progresso econômico. A contradição da modernização é captada nesses poemas. Também o poema *Pedreira*, já referido, apresenta uma cena cataguasense. Os autores, porém,

conseguem transcender o local, apreendendo nele aquilo que era também nacional.

Experimentalismo formal na escrita

Ao lado da ênfase numa temática brasileira, os Verdes trabalharam muito aspectos formais, gráficos e, principalmente, linguísticos, além da defesa do verso livre. Houve tentativas de representação figurativa da cena descrita, como as de Henrique de Resende nos *Poemas da Terra Verde* e *Poemas da Terra Verde (2)*. Nesses poemas, o autor tenta reproduzir graficamente a curva da estrada ou do rio. Há a representação da fala das personagens, inédita, conforme avaliação de Mário de Andrade referida anteriormente. Exemplos dessa experiência são: “O que os outro há de dizer!”, verso de *Crônica quase policial da Barroca*, já citado, ou “Anda nego! Pra riba”, de *Tio Santana*, também já mencionado. Houve a tentativa de incorporação de um vocabulário típico de uma classe ou grupo social como o dos negros, o uso da palavra “cacunda”, por exemplo. Mas a experiência formal mais radical foi feita por Rosário Fusco e Ascânio Lopes, em alguns de seus poemas. Esses autores exercitaram uma forma sintética de escrever, quase sem adjetivos. As experiências mais radicais foram a de escrever poemas como se escrevem telegramas ou a de registrar cenas rápidas, a exemplo da fotografia, como nos *Poemas Codaque*,³⁵ de Rosário Fusco:

Rio de Janeiro

Pro Roberto Theodoro

Os meus sentidos são um menino
que veste um vestido novo.

Podemos dizer que a experiência do movimento Verde e sua revista foi um momento importante da literatura brasileira. Aqueles jovens viviam um período de transição entre a década de 1920 e a década de 1930

e experimentaram as contradições daquela conjuntura. Fizeram um exercício intenso de observação e de tentativa de compreensão da realidade brasileira e de busca de formas de expressão que representassem a língua brasileira. Retrataram as tradições sociais, as condições socioeconômicas do povo e o atraso cultural, principalmente nas pequenas cidades do interior mineiro. Nesse sentido, eles desenvolveram um sentimento de mineiridade, que está presente em algumas de suas falas e nos poemas que retratam situações típicas da Cataguases da época: a fazenda do avô, as festas do interior, os homens trabalhando na construção das estradas de rodagem ou na pedreira, os bairros da cidade etc.

Os jovens de Cataguases tinham consciência da dependência cultural do estrangeiro que se vivia, então, no Brasil, e lutavam contra ela como podiam, construindo nas páginas da *Verde* um percurso que revela as contradições e os caminhos encontrados para resolvê-la. Nessas páginas podemos acompanhar o crescimento dos recursos estéticos desses autores que viveram um momento privilegiado, no qual puderam realizar a síntese da primeira fase modernista e preparar a transição para as propostas dos 30. Enxergavam não apenas o Brasil mítico, mas, principalmente, o Brasil real, histórico, cotidiano, com suas belezas naturais, mas com sua dependência cultural e seus problemas sociais, seu processo de modernização contraditório, sua religiosidade, sua inocência e malícia.

Não pretendemos ter esgotado, aqui, o tema, uma vez que a qualquer momento poderemos encontrar um novo texto, um novo documento que nos permita rever o movimento Verde como um todo, ou a produção de um de seus integrantes em particular. Consideramos que ainda temos a aprender sobre essa fase da literatura brasileira, pelo que ela tem de contraditório e pelas inúmeras dificuldades que se apresentam ao pesquisador, entre elas a de encontrar alguns dos textos

produzidos na época, apesar do muito esforço que já se empreendeu no sentido de descobri-los, estudá-los e republicá-los.

RESUMO | Apresentamos um panorama das condições de produção literária do movimento modernista Verde, ocorrido entre os anos de 1927 e 1929, em Cataguases, MG, salientando os aspectos inovadores do fazer literário do grupo que realizou o movimento apaixonadamente, com a convicção no poder transformador da literatura. Na apreciação de aspectos da sua proposta renovadora, damos ênfase a poemas dos cinco autores nucleares do grupo. Os dados aqui apresentados resultam de estudo realizado para o Mestrado em Literatura Brasileira, cursado na UFMG, cuja dissertação foi publicada como livro em 2009, com data de 2008. Nessa publicação, reunimos, em anexo, os textos dos Verdes aos quais tivemos acesso, com exceção dos publicados na revista Verde, para que esses trabalhos, antes esparsos e de difícil acesso, pudessem ser lidos pelos interessados naquela fase da nossa literatura.

ABSTRACT | We present a panorama of the conditions surrounding the literary production of the so-called "Green" modernist movement that occurred between 1927 and 1929 in Cataguases, MG. We emphasize the innovative aspects of the work of the members of the group, filled with passion and belief in the transformational power of literature. In analyzing aspects of their renovation ideal, we have emphasized the poetry of five key members of the group. The data here presented result from a study carried out within the Master's Program in Brazilian Literature of the Federal University of Minas Gerais (UFMG), the thesis of which was published as a book in 2009, dated 2008. In this article we bring together in an appendix the texts of the "Greens" to which we have had access, with the exception of those published in the magazine of the same name, so that these works, previously sparse and difficult to encounter, can be read by those interested in that particular phase of our literature.

Notas |

1. MORAN, P. *Tangentes da modernidade: o grupo Verde de Cataguases – província e cultura nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

2. A expressão "Ases de Cataguases" foi cunhada no poema *Homenagem aos homens que agem*, assinado por Marioswald e publicado na página 9 do número 4 da *Verde*, de dezembro de 1927.

3. Movimento literário nativista criado em 1924 por Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, depois identificado ideologicamente com o integralismo, movimento político direitista. Seus adeptos se congregaram no Grupo Anta que, em 1929, publica no jornal *Correio Paulistano* o *Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo*.

4. Guilhermino César, em depoimento ao *Suplemento Literário* do jornal *Minas Gerais*, de novembro de 1967.

5. RUFFATO, L. *Ascânio Lopes: todos os caminhos possíveis*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2005. p. 15.

6. Há notícias de que a Verde Editora teria publicado pelo menos mais dois os livros, um de Tristão de Ataíde, outro de Luiz Maia Filho, mas não podemos confirmar a informação, uma vez que não encontramos esses livros.

7. STEGAGNO-PICCHIO, L. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 478.

8. MARTINS, W. *A literatura brasileira: o modernismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967. p. 101.

9. INOJOSA, J. *Os Andradas e outros aspectos do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. p. 139.

10. RUFFATO, L. *Os ases de Cataguases: uma história dos primórdios do modernismo*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002. p. 16.

11. PAULA, J. A. de. *Raízes da modernidade em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 107.

12. Por se tratar de nome de jornal, mantivemos a ortografia original.

13. O distrito de Santa Rita de Meia Pataca foi criado pela Lei nº 534, de 10 de outubro de 1851, da Assembleia Provincial Mineira. Em 25 de novembro de 1875, a Lei nº 2 180, da mesma Assembleia, criou o Município de Cataguases, com território desmembrado dos de Leopoldina, Muriaé e Ubá. A instalação do município deu-se a 7 de setembro de 1877.

14. SILVA, A. V. R.; REZENDE, A. V. *O município de Cataguases: esboço histórico*. Cataguases: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

15. COSTA, L. S. *Cataguases Centenária: dados para sua história*. Cataguases, MG, 1977. p. 431.

16. VEIGA, J. P. X. da. *Efemérides Mineiras: 1664-1897*. Introdução: Edilane M. de A. Carneiro e Maria Eloísa M. Neves; pesquisa histórica: Bruno Fagundes; leitura paleográfica e atualização ortográfica: Cláudia A. Melo. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais; Fundação João Pinheiro, 1998. v. 3 e 4.

17. SILVA, REZENDE. *O município de Cataguases*, p. 271.

18. CÉSAR, G. Os verdes da *Verde*. Texto de apresentação da edição fac-similar da revista *Verde*, s/p. São Paulo: Metal Leve, 1978.

19. Manifesto do grupo Verde, *Verde*, Cataguases, nº 3, novembro de 1927.

20. *Verde*, Cataguases, nº 3, p. 11, novembro de 1927.

21. *Verde*, Cataguases, n. 3, p. 26, novembro de 1927.

22. RESENDE, H. de. *Verde*, Cataguases, n. 4, p. 7, dezembro de 1927.

23. Optamos por manter a grafia original nas citações dos textos dos Verdes que fazemos neste trabalho.

24. PEIXOTO, F. I. Ternura, *Verde*, Cataguases, nº 1, p. 25, setembro de 1927.

25. LOPES, A. Serão do menino pobre. *Verde*, Cataguases, nº 1, p. 13, setembro de 1927.

26. RESENDE, H. de. Senzala. *Verde*, Cataguases, nº 4, p. 20, dezembro de 1927.

27. RESENDE, H. de. Canto da Terra Verde. *Verde*, Cataguases, nº 2, p. 18, outubro de 1927.

28. CESAR, G. Crônica quasi policial da Barroca. *Verde*, Cataguases, nº 4, p. 21, dezembro de 1927.

29. PEIXOTO, F. I. Maria lavadeira. *Verde*, Cataguases, nº 5, Suplemento, p. 21, janeiro de 1928.

30. PEIXOTO, F. I. Pedreira. *Verde*, Cataguases, nº 4, p. 11, dezembro de 1927.

31. LOPES, A. Descoberta do Brasil. *Verde*, Cataguases, nº 3, p. 22, novembro de 1927.

32. FUSCO, R. Festa da bandeira. *Verde*, Cataguases, nº 3, p. 18, novembro de 1927.

33. PEIXOTO, F. I. Uiara. *Verde*, Cataguases, nº 5, Suplemento, p. 5, janeiro de 1928.

34. RESENDE, H. de. Cantos da Terra Verde (2). *Verde*, Cataguases, nº 3, p. 20, novembro de 1927.

35. FUSCO, R. Poemas codaque. *Verde*, Cataguases, nº 2, p. 16, outubro de 1927.

Rivânia Maria Trotta Sant'Ana é cataguasense, licenciada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa, mestre em Literatura Brasileira e doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde tem se dedicado ao setor de Língua Portuguesa, ministrando disciplinas relacionadas a leitura, escrita e revisão de textos, à semântica e ao ensino de português. <rivaniatrotta@gmail.com>